

A Sociologia da Briga de Bar Urbana¹

F.-W. Glommer

Como lastimava o grande sambista Alex do Repique² (falecido precocemente, antes das onze da noite, de fratura craniana por garrafada no Tia's Bar), não se fazem mais brigas de bar como antigamente. Pude constatar com ciência e uísque aquilo que o artista cantou com poesia e cachaça durante a última visita que fiz ao Brasil em 2020, aproveitando-me do contexto neopestilencial e das passagens aéreas baratinhas.³ Dessa vez consegui deixar de viajar pela Iberia, o equivalente nas nuvens daquilo que a viação Ponte Coberta é no barro. Minha turnê no *Regenwald* incluiu palestras em eventos como o XLV Congresso Mundial de Briófitas⁴, a XXIII Feira do Zebu de Patos de Minas⁵, o Simpósio Nacional de Grandes Barragens em Lego⁶ e a Sexy Fair Rio⁷ – todas presenciais, todas atraindo multidões tumultuárias, todas com taxas de mortalidade acima de 3%, mas é o preço da fama e da fome do meu saber. No meu estudo empírico, constatei ter havido um significativo declínio na briga de bar brasileira, tanto em termos estatísticos quanto estéticos.

A metodologia de pesquisa consistiu na observação participante, isto é, chegava ali no bar pelas oito da noite e permanecia até a birosca fechar, envolvendo-me nas brigas conforme aconteciam.⁸ A fim de testar diversas hipóteses sobre os *casus belli*, eu e mais vinte e cinco assistentes de pesquisa, cada qual apresentando uma constelação específica de faixa etária e gênero⁹, também provocávamos as brigas. Aos colegas de países que levam a ciência a sério, o número de assistentes sem dúvida parecerá fabuloso: o bom de fazer pesquisa no Brasil é que não falta doutor desempregado. Tentei incluir a variável da estatura – fator que sociologicamente me intriga desde 1938 quando trabalhei no Burô de Medidas de Nurembergue –, mas tive grandes dificuldades em encontrar anões dispostos a causar brigas com gente abaixo dum metro e noventa e três de altura. Foram pesquisados dez bares em cada uma das quatro grandes áreas

¹ Título original: “The Sociology of the Urban Bar Brawl”, *Pow! Journal of Full-contact Studies*, Nº 3, v. 7, 2020, pp. 42-53. Registre-se que, noutros trabalhos, o Prof. Glommer constatou diferenças estruturais entre o campo e cidade nas brigas de bar. No campo, p. ex., as brigas são dirigidas geralmente a forasteiros que não tiram o chapéu nem cumprimentam ao entrar na vendinha. (*N. do Tr.*)

² Com quem compus o samba-vals-de-breque *Es war die Danau geflossen....* (“Foi o Danúbio que passou...”), vencedor do Estandarte de Ouro do carnaval vienense de 1973.

³ Sobre os movimentos de massa, veja-se meu artigo. “Le Carnaval de Venice en 1347 et la Peste Noire”, *Annales, E.S.C.*, 1962, Nº 4, pp. 328-348.

⁴ Onde fui homenageado com o troféu Caliptra de Jade, o coroamento na carreira dos botânicos dedicados às briófitas, troféu que arborei pela sétima vez. Coordenei também a mesa “Musgos, líquens e hepáticas: novos horizontes para parafilias sexuais”.

⁵ Onde proferi a conferência de encerramento “O Zebu e o Mecenato Musical Sertanejo”.

⁶ Apresentei os resultados de pesquisas em resistência de materiais na palestra sobre o Lego armado, isto é, o esqueleto de Lego, que resiste bem aos esforços de tração, revestido com massinha, que resiste bem à compressão. Essas estruturas conseguem atingir até quatro metros de altura e são muito divertidas para se destruir brincando de Godzila.

⁷ Onde proferi a conferência de abertura “As Roupas de Couro e a Terceira Idade”.

⁸ Outros estudos de observação participante que fiz incluem *Swinger's Paradise: ananthroponasty approach to the Fragonard Club*. San Francisco: The Leather Press, 1971; *Os Cinemas-poeirinhas e a Obra de Bruce Lee*. São Paulo: Cinemateca Brasileira, 1982; *Marolas de Louvor: os últimos vagões do trem carioca*. Rio de Janeiro: RFFSA, 1992; *Fliegender Tod über England: die Luftwaffe, der totale Krieg und unsere Welteroberungspflicht*. Berlim: Reichsluftfahrtministeriumsdruckerei, 1940.

⁹ As faixas etárias agrupavam-se em faixas de 11-17, 18-30, 31-50, 51-70 e 70-93 anos, fora a minha, *sui generis*, com 106 aninhos; os gêneros eram heterossexual ♀, ♂ e #, homossexual ♀, ♂ e ♂.

sócio-isomórficas da região metropolitana do Rio de Janeiro, a saber, a Disneylândia, o Reino Unido da Subúrbia e Favelônia, a Terra de Marlboro e a Baixada do Medo.¹⁰

Na academia, há enormes embates conceituais sobre a natureza da briga de bar que mais parecem briga de bar. Charles Tilly vê a briga de bar como um repertório de lutas proletárias intraclasse pela obfuscação da classe dominante, que obviamente não frequenta o Tia's Bar.¹¹ Para o etnólogo Konrad Lorenz, a briga de bar é uma sobrevivência do mesmo instinto de agressão territorial que observou em espécies tão diversas como pavões, crocodilos e grilos, sobretudo quando esses animais tomam uns goros depois dum estressante dia de trabalho.¹² Para Vitinho do Posto 6, é só uma forma de diversão noturna.¹³ O meu conceito, não só mais rico mas também mais certo, vê a luta de bar como uma *porradaria*. Como muitos catedráticos semianalfabetos não entenderam o macroconceito de porradaria aplicado à briga de bar, vou explicar aqui de novo, de novo, de novo. A porradaria envolve a operacionalização mútua de partes do corpo humano para fins de dano físico no(s) oponente(s), cuja consecução alguns autores chamam de *estrago*, *escangalho*, *esbregue* e *rebocada*.¹⁴ Objetos *podem* (e devem!) ser operacionalizados, mas precisam subsumir-se à força muscular humana.¹⁵ Assim arremessar um dardo no olho do oponente integra a porradaria, pois o dardo é propelido diretamente pelo movimento flexor e distensor do bíceps, mas disparar uma flecha não integra a porradaria¹⁶, pois a força motriz vem do tensionamento da corda do arco, a força muscular mero *secundum mobile*, isso se não me esqueci do meu São Tomás de Aquino ou Aristóteles, sei lá – tem muito tempo que não dou flechada em ninguém.¹⁷ Além de chutes, socos, voadoras, cabeçadas, pescotapas, telefones, joelhadas, coices, cotoveladas, pilões, mordidas, pisões, bandas, dedadas, mocas, roriúgens, mata-leões, armeloques, cosquinhas e toda a panóplia dessas interações sociais, a porradaria pode (e deve!) incluir garrafas, cadeiras, mesas, copos, tacos de sinuca, facas, correntes, bandejas de aperitivos, porções de amendoim, palitos de dente, bebidas quentes, bolinhas de papel, transeuntes desprevenidos entre outros objetos. Após essa enumeração rabelaisiana, até o penúltimo entre os mais burros dos meus leitores deverá ter deduzido que a porradaria e, logo, a briga de bar exclui as armas de fogo. É admissível sim o tiro de misericórdia no oponente já caído inerme e estropeado, mas se trata de mera convenção estética, como uma cadência perfeita fechando o vasto passeio tonal numa ópera de Wagner.¹⁸ Todo o drama nibelungiano nesse pequenino

¹⁰ Excluimos a Oxford Fluminense e o Porta-aviões USS Guanabara, porque ambas são chatas bagarai.

¹¹ TILLY, Charles. *From Street Fight to World Revolution*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

¹² LORENZ, Konrad. *Und der Löwe rauft mit dem Zebra und das Zebra rauft mit der Maus und die Maus...* Hamburg: Insel Verlag, 1974.

¹³ LEKLEK, Vitinho. “Comentário” IN: ZUCKERBERG, Mark (ed.). *Facebook*. World Wide Web: Internet, 2018.

¹⁴ SUSSEKIND, José Carlos. *Biofísica do Escangalho*. Rio de Janeiro: Editora Pau e Pedra, 2012. GLEISER-GRACIE, Marcelo Carlos. *O Cruzado de Direita e o Bóson de Higgs: uma nova abordagem para os aceleradores de porrátulas*. Rio de Janeiro: Faixa Marrom, 2004.

¹⁵ Nessa categoria, integram-se obviamente cusparadas, mijadas, arremessos de meleca e outras formas de propulsão excrementícia.

¹⁶ Em todo o caso, só pude observar esse instrumento em ação no bar apenas cinco vezes. Em Parma, em 1967, a flecha vazou minha porção de salaminho, um ganho sobre o palito de dente.

¹⁷ A última vez que disparei uma flecha foi no câmpus da Universidade do Winconsin em 1986 num trabalho de antropologia experimental (hoje, mais conhecido como *cosplay*) onde dois grupos testavam se uma aldeia de camponeses sedentários como os Smurfs seriam capazes de resistir a um ataque de povos pastoris como os hunos. Uma das minhas muitas flechadas certeiras resultou na amputação da perna do Prof. János Molnár, da Universidade de Budapeste, mas hoje somos bons amigos, sobretudo depois quando, noutro trabalho de antropologia experimental, ele arremessou azeite fervente em mim. Os Smurfs perderam; os cruzados ganharam.

¹⁸ Ou, metáfora melhor, o acorde de dó maior caretão fechando a *Polymorphia* de Penderecki.

Bayreuth que é o boteco precisa transcorrer sob a batuta ou antes sob o porrete da porradaria.

O estudo detectou clara elevação do limiar para a violência entre os cariocas e cariocaguas.¹⁹ Se até por volta de 1990 para desatar a porrada num bar bastava chamar um desconhecido de fresco, soltar um fiufiu para uma mulher acompanhada, bancar o manja-rola ostensivo no mictório, encarar uma fancha, coçar o saco e pôr a mão no aperitivo da rodinha, recusar-se a pagar a conta, agourar a tacada de sinuca alheia ou, mesmo como aconteceu a mim mesmo, criticar um inepto tratado de palinografia dum sedizente fodão em botânica²⁰, agora só arranjam briga de bar os perseverantes: é preciso ignorar as súplicas de perdão, bloquear as rotas de fuga e até recusar subornos.

A causa-líder de brigas de bar continua sendo time de futebol. Em segundo lugar, temos aí sim um motivo nobre: o esbarrão sem desculpa (cf. tabela abaixo). Registre-se que praticamente todas as causas, quando negativadas, são enquadradas na categoria nativa de “babaquice”; quando positivadas, na de “tou no meu direito”. De forma geral, a cardinalidade das causas pouco se altera conforme as sócio-isomórficas, mas as variações permitem entrever as estruturas sociais subjacentes, sobretudo quando cotejadas com fatores etários e marciais.

Posição	Causas	Porcentagem*
1	Futebol	31,8%
2	Esbarrão sem desculpa	25,3%
3	Qualificar a mãe como meretriz	23,0%
4	Piadinhas	22,3%
5	Disputa territorial	20,7%
6	Brincadeira bruta	16,5%
7	Paquera adulterina	15,0%
8	Conflitos domésticos estendidos	14,8%
9	Exercício físico	14,6%
10	Furada-de-olho	12,4%
11	Religião	10,4%
12	Rixas coletivas	10,2%
13	Reclamações contra o serviço do bar	10,1%
14	Forças ocultas	8,4%
15	Comentários desabonadores sobre aparência pessoal	8,1%
16	Dívida no jogo	6,8%
17	Mal-entendidos	6,2%
18	Lazer	6,0%
19	Crocodilagem	5,4%
20	Falta de consideração	5,3%
21	Vingança	5,2%
22	Videoquê	4,6%
23	Repartição heterogênea de petiscos	4,3%
24	Possessão demoníaca	3,5%
25	Se-amostar	3,3%
26	Totó	1,9%

¹⁹ Cunhei o termo *cariocaguaçu* em 1957 num estudo para designar a metropolização do Rio no contexto da transferência da capital para Brasília. Cariocaguaçu é *carioca* + *açu* (grande), com a consoante de ligação -g-, ou seja, o habitante do Grande Rio. Cf. meu relatório de trabalho N° 4, “A Transferência da Capital e a Putaria Paulista”.

²⁰ Não só venci o argumento intelectual como também o muscular.

*Excesso a100% pela concorrência de causas.

Na Disneylândia carioca, as reclamações contra o serviço e o exercício físico estão sobre-representados entre as causas. A média etária dos brigões é a mais jovem, orçando-se em 26,3 anos. Nessa região, uma alta porcentagem das brigas ocorre entre pessoas sem contatos sociais prévios. Aqui se observam golpes mais plásticos, praticados pela sadia mocidade jiujeiteira. Também esguichos de mostarda-holandesa são mais comuns.

Na Terra de Marlboro, de caráter mais rural e arcaico, prevalecem motivos de honra, sobretudo os que insinuam cornitude ou broxidão, demonstram falta de consideração, envolvem dívidas em jogo de ronda e de porrinha ou simplesmente ineptitude em descartar trunfos na sueca. A faixa etária também é mais elevada, com média de 48 anos. Talvez em função desse perfil etário maduro e do caráter altamente ritualizado dos confrontos, as lutas são menos violentas, só 29% delas produzindo efusão de sangue; ínfimos 2%, fraturas; e letalidade se resumindo a causas endógenas como enfartos, aneurismas, troços, trecos, ziquiziras e piripagues. De todas as regiões, a Terra de Marlboro apresenta a taxa mais baixa de contágio porradeiro, só 16% dos conflitos entre duas pessoas evoluindo para conflagrações mais amplas. É aqui se encontram as técnicas marciais mais folclóricas como rasteiras, telefones, ganchos, barrigadas, navalhadas e, quando a artrite permite, golpes de capoeira. As brigas de bar são provocadas e envolvem quase exclusivamente o gênero masculino, mais precisamente o gênero sujeito-homem (97% dos casos).

Na Baixada do Medo, são vinculados os conflitos domésticos estendidos e as lutas por religião. A presença feminina é bem marcante, com 32% do total, sendo a mulher em 73% a desferir o primeiro golpe, geralmente um tapão. Nos conflitos domésticos estendidos de matriz chifronésia, o alvo do primeiro golpe parece ser aleatório, pois em 52% dos casos se dirige ao companheiro e em 48% à amante – não se observou variações conforme orientação sexual, inclusive num trisal polifônico heteródino. Nesse quesito, a Baixada do Medo se distingue da Terra de Marlboro porque nela a simples insinuação não basta para provocar a briga de bar, sendo necessária a consumação fática na cara do povo lá na birosca entre o cachorro e a piranha. É a única região onde se detecta uma participação significativa de brigas de bar envolvendo familiares, cognáticos ou agnáticos. Nossa hipótese é que, em relação à Terra de Marlboro, com a qual compartilha alguns traços estruturais, a Baixada do Medo sofreu um processo de modernização mais escaralhado, gestando maior disfuncionalidade familiar. Trata-se também da região com mais entusiasmo pelos objetos perfurantes e onde também mais gente vai a óbito, lugar bem pior de se ir do que a puta que te pariu.

O Reino Unido da Subúrbia e Favelônia conforma-se como a região ideal-típica da briga de bar.²¹ Isso se explica por essa região sintetizar todas as manifestações do modo de produção anarco-escravista brasileiro.²² É nessa região onde mais rapidamente

²¹ WEBER, Max. “Die drei Formen der reinen Kneipenschlägerei” IN: *Wirtshaus und Gesellen*. Munique: Prosit, 1912. O sociólogo formalizou a partir dum contexto tipicamente alemão, quero dizer, baixo-alemão, mais precisamente renano, para não dizer Mönchengladbach, isto é, sua zona boêmia culte-moderninha. Para Weber, a briga de bar tem de envolver um sanfoneiro cego, uma prostituta ruiva chamada Walpurga e um caixa de rapé.

²² Apesar de autores que tenham tentando aplicar meu *modo de produção himenóptero* ao Brasil (cf. GLOMMER, F.-W. “Luta Operária na Rodésia”, mimeografado, 1968). Eu mesmo cheguei a considerar o Brasil como anarco-mercantilista, mas isso era no período da Ditadura Civil-militar-eclesiástica-ongueira quando a indústria local ainda competia tecnologicamente no mercado global em setores de ponta como seringas, agulhas, tachinhas e pregos. GLOMMER, F.-W.; NETO, Delfim. “Brasil – Agora Vai!”, *Boletim da Escola Superior de Guerra*, tomo AI-5, 1968.

declina a arte da briga de bar. Habitada majoritariamente por pé-rapados e remediados inseridos nisso que os brasileiros acham que é cultura urbana, os habitantes do Reino Unido não possuem o capilé nem o tempo para a prática de artes marciais como os pleibóis e as pátis da Disneylândia e, ao mesmo tempo, não foram sociabilizados nas formas folclóricas de briga de bar dos coroaos sujeitos-homens da Terra de Marlboro. O resultado é uma rotina de confrontações sem grandes atrativos nem efusão de sangue, limitada basicamente a empurrões, agarramentos, trombadas, gestos e posturas. Há comedimento muito grande no uso de objetos, sobretudo os perfurantes. Existe, é verdade, uma rica e sofisticada cultura de lutas coletivas (p. ex., torcidas organizadas, lado A e lado B, rua de cima vérsus rua de baixo, narcotraficantes contra milicianos, atritos entre bicheiros, disputas de estátus no *cursus honoroum* das escolas de samba, controle de postes para galhardetes entre candidatos à vereança, rixas entre clubes de baloeiros etc.), mas muitas vezes essas lutas coletivas exorbitam da porradaria pelo emprego de armas de fogo, inclusive semi-automáticas ou explosivos de baixo impacto. A potencial briga de bar costuma ser abortada no embrião, pois, antes da primeira manifestação de porradaria, alguém saca uma pistola ou lança uma granada.

A distribuição das brigas de bar segundo o horário nas quatro regiões responde a uma curva gaussiana, cujo pico se situa à meia-noite e meia. Há um leve avanço de fase dessa curva em relação ao ponto de inflexão da curva logarítmica etílica. Às três da manhã – a hora da juropoca piar – há uma súbita recorrência de brigas de bar. A explicação é muito simples. A essa altura, já se arranhou quem era pra se arranjar na noite. A frustrante perspectiva duma noite cuja única gratificação será bronheira ou sirirical desata pulsões agressivas. É verdade que tenho dificuldade em entender como alguém pode considerar o sexo mais excitante que a violência, a qual proporciona um enorme sentimento de amor-próprio numa carícia de endorfinas ou, pelo menos, uma cicatriz bem feia para se tirar onda. Um orgasmo dura segundos; uma costela quebrada é para toda a vida. Na Terra de Marlboro, pelo perfil mais coroa dos brigões e pela importância do carteadado como estopim, a curva se desloca para o período da tardinha. Aqui uma causa correlata é o calorão do clima jeca-continental atijando a produção de dois hormônios indutores à violência, a testosterona e a nhaca.

Os dados que recolhemos apresentam um viés amostral muito comum nesse tipo de pesquisa – o viés mangaça. Ao longo do consumo dos birinaites, a tabulação dos dados se tornava menos rigorosa. Numa das manhãs quando a amnésia alcoólica não era tão severa (ao contrário da ressaca e dos vômitos opalescentes), recordei ter participado em, pelo menos, quatro brigas de bar, mas meu caderno de campo só registrava laconicamente um experimento fracassado em engenharia de conflito²³:

22:48. Arremesso um amendoim *pp* na cabeça do mauricinho da mesa a noroeste. Cerca de 30 anos, classe média alta. Mesa com mais duas mulheres, mesma faixa etária e perfil. Hipótese etiológica: efeito-pavão → fala-grossa → empoderamento em face de adversário idoso → receptividade para o coito.²⁴ Olha nervoso para mim. Nenhuma outra resposta.

22:50: Arremesso *p* outro amendoim. Sem resposta.

22:53: Arremesso amendoins *mf* com cadência de dez segundos durante dois minutos (compasso 3/4). Cochichos na mesa. Ombros tensos. O compasso 3/4 não é popular no Brasil.

²³ KISSINGER, Harry. *Troublemaking: a new approach to world order*. Westfália: Metternich & Co., 2015.

²⁴ Idoso talvez, mas, toda manhãzinha, puxo 50 quilos em cada braço, mermão.

22:55: Arremesso um cubinho de provolone na mulher de vestido preto. Na verdade, queria acertar a de verde. Arregala os olhos. Homem bufa. Faço gesto obsceno com a língua. Abandonam a mesa às pressas.

A briga de bar diacrônica: 1991 vérsus 2020

Em 1991 já havia feito um alentado estudo sobre brigas de bar urbanas no Rio de Janeiro e será útil agora considerar o fenômeno na sua diacronia.²⁵ É verdade que o conjunto de dados não seja rigorosamente comparável por certas diferenças metodológicas (naquela época bebia muito Dreher e, mais jovem, ainda era capaz de dar um belo rabo-de-arraia na fuça do oponente). Em todo o caso a conclusão é óbvia: o passado desce o cacete no presente.

Reduziu-se o grande elenco na briga de bar, que podia assumir proporções de filme de Cecil deMile. Hoje as conflagrações birosqueiras quase sempre se limitam aos freqüentadores ocasionais (como professores eméritos conduzindo pesquisa) enquanto, trinta anos atrás, se via a participação entusiasmada da freguesia, de garçons, de curiosos, de cachorros vadios e do próprio dono do estabelecimento, uma verdadeira festa popular. A entrada na liça do taberneiro dava um ar cavaleiresco à briga de bar – o denodado senhor sempre a postos defendendo seu castelo contra vândalos, prejuízo, calote e fiado. Muitos deles portugueses, baixotes e pançudos, o que não tinham em velocidade compensavam pela extraordinária graça com que aplicavam gravatas ou pela destreza com que arremessavam objetos pesados, sobretudo os de natureza concussiva. E, quando se empregavam os perfurantes e fragmentantes, logo era o mesmo dono quem ia com esfregão limpar pachorrento a sangueira do chão – isso, claro, quando o movimento estava fraco. Quando estava forte, o portuga expedito largava baldes da solução $H_2OH + Cl$ e um quadro impressionista se pintava aos pés da clientela, rosa suave e primaveril, brilhante amarelo-ovo dos coágulos sangüíneos reagindo com o cloro, rico marrom arnuvô dos estratos de sujeira entrevedo-se pela lâmina líquida como o leito do mar primordial donde todos nós viemos.

A reação dos expectadores tornou-se mais tímida, senão mesmo pau-molona. Em 1991, uma briga de bar fazia com que cerca de 67% das pessoas se levantassem da mesa imediatamente e, após 4,5 segundos, se organizassem em rodinha rumorosas torcidas proferindo pitorescas invectivas, conselhos (“mata ele!”) e gritos (o mais usual a interjeição não dicionarizada [wo'we]). No grosso, as torcidas eram imparciais, discorrendo criticamente sobre as diversas habilidades guerreiras dos combatentes, sem apoiar qualquer um dos brigões; o que se apoiava era a briga de bar. A recusa em seguir o combate por um dos adversários ainda apto (isto é, capaz de se arrastar ou com 70% do intestino ainda no celoma) produzia a execração coletiva, execração que, por motivo que nunca entendi, também se estendia à mãe do amarelão. Em 2020, a principal reação, em 62% das circunstâncias, é, após o mais ligeiro contato visual com a briga de bar (duração média: 0,6 segundo), a indiferença fingida e nervosa – os contatos visuais ligeiros reestabelecem-se num período de 14 segundos. Em 11% dos casos observou-se mesmo a fuga do bar. A aproximação dos combatentes a uma mesa provoca mesmo reações de pânico como gritos histéricos, sobressaltos, suores frios, taquicardia, hiperventilação e, em certos casos, até emissão de odores fecais, uma forma de memória

²⁵ GLOMMER, F.-W. *The Brazilian Fights for Rights*. Stamford: World Wrestling Federation, 1991.

ancestral no nosso cérebro mamífero quando o pau comia entre os dinossauros, que eram uns pés-de-cana catiguentos.²⁶

Uma personagem que se tornou mais eficiente (e mais chato) e, portanto, reduziu o raio de influência da briga de bar é o pacificador (o *deixa-disso*). Embora sempre raro, em 1991 o pacificador atuava como catalizador. Ao se intrometer no conflito, o pacificador invariavelmente apanhava dos combatentes ou batia nalgum que não tinha nada a ver, ampliando assim as conexões sociais para a briga de bar entrar numa reação em cadeia. Quando o pacificador apanhava, a sua patota também era atraída para a briga de bar. Quando o pacificador batia em quem estava quieto, com mais razão o agredido e a sua patota ingressavam na conflagração. Em certas circunstâncias, a briga de bar assumiria proporções de guerra mundial não fosse a intervenção sempre prudente da Polícia Militar²⁷, que já chegava dando tiro para o alto e distribuindo tapa nas faces mais inocentes. A aparição da corporação gerava horror bastante similar ao que vi meus colegas causarem em 1942 nas aldeias bielorrussas, mas isso são coisas que o povo conta. Hoje o pacificador é um mero estraga-prazeres. *Ele realmente consegue apartar os brigões.*

Certos conflitos não emergem mais pois foram suprimidos os seus fundamentos sociais de existência. Em 1991, nos bares eram comuns fliperamas como *Cadillac Dinossauro* ou *Capitão Commando*, cujos jogadores perebas eram açoitados por viciados sebosos (o *deixa-eu-pegar-aí-tá-vendo-perdeu*). Quando naquele chefão difícil, o pereba cedia ao viciado e o marrentão *perdia* ou, se ganhava, *não largava a manete*, criavam-se os pressupostos para uma pequena briga de bar, bastante peculiar, primeiro porque quase sempre em horário escolar (e não à noite) e segundo porque raramente resultava em efusão de sangue, quando muito um galo ou um roxo. É verdade que esteticamente pouco se perdeu com a supressão dessa briga de bar infanto-juvenil, pois o único interesse que trazia era o choro de criança.

Algumas coisas, porém, não mudaram. Perdura a regra elementar das conflagrações coletivas de geral juntar no mais fraco, sobretudo se apresentar alguma deficiência. Em lugar nenhum do planeta se sobrepujou a notória predileção do povo brasileiro pelas voadoras, tão bonitas e quase sempre tão ineficazes quanto as bicicletas no futebol. O programa arquitetônico continua favorecendo as brigas de bar e os politraumatismos. Enquanto os cafés vienenses são amplos e fechados, as brigas de café estáticas nas quais os combatentes se cingem a agarramentos pelas lapelas, cada qual do seu lado da mesa, com mais danos à porcelana que ao corpo humano (o prejuízo da porcelana aparece na conta e é equinamente pago pelos combatentes), a arquitetura do bar brasileiro organiza-se pela Escola da Biboca, espaços exíguos e abertos a um só tempo, donde o extravasamento de cadeiras adensadas nas calçadas, algo que estimula o aumento das conexões sociais, mesmo sem a catálise do pacificador. É bastante possível que, no Brasil, o desnível entre calçada e rua, que costuma ter meio metro de altura, seja deliberadamente projetado para maximizar as quedas durante brigas de bar. Também o assoalho imundo e úmido do bar atua como coeficiente multiplicador de quedas.

Guisado conclusivo: uma sobremesa de sabedoria

²⁶ Cf. ALVAREZ, Walter Luis; ALVAREZ, Walter. "Alcoholism and the K-T megaextinction: the evidence from iridium". *Science*, n. 45, 1979, pp. 34-36. Nesse artigo, os autores também dão uma bela receita de coquetel de irídio.

²⁷ O brasão da Polícia Militar do Rio de Janeiro, além de duas garruchas cruzadas (o fuzil AK-47 de 1909), traz um ramo de cana e outro de café. A heráldica falante lê-se na gíria carioca: "se não tiver cafezinho, então é cana".

A generalização das armas de fogo entre os brasileiros (que sequer sabem dirigir mais de 80 km sem se mutilar ou matar alguém), inclusive com a abertura da fábrica da Glock Kids pelos incentivos fiscais do governo Bolsonaro²⁸, parece ter contribuído a um processo civilizador que vem reduzindo o ímpeto porradeiro no bar. Esse processo de internalização das pulsões de violência, tão bem descrito por Norbert Elias (que ficava putinho quando eu lhe dava tapinhas na lustrada careca), pude estudar bem em 1998 nos saraus da Via Show. Nessa época, eu tinha um ziriguidum com uma guria lá do Imbariê e acabava indo ao precitado estabelecimento da Avenida Washington Luís para cavatinas e sarabandas, até porque o camarote custava cinco merréis e Skol era de real. Nestes meus 106 anos de vida, jamais observei tão refinada polidez – lembrando que eu sou nascido e criado em VIENA e não em qualquer pocilga abaixo do paralelo 40 N°. Você esbarrava em alguém e era uma troca de medidas de ambos os lados. A etiqueta era a manifestação da *pax armata*: como cerca de 75% da assistência portava pelo menos uma arma de fogo, o limiar para a eclosão de conflitos subia à estratosfera, afinal um tiroteio na Via Show provocaria o maior gasto de cartuchos desde a Batalha de Stalingrado (dessa infelizmente não participei).

Outra hipótese a se considerar é que, no quadro neopestilencial, o movimento ande bem fraco e, portanto, haja menos interações sociais para a briga de bar. Mas é só uma hipótese, o pitaco do erudito.

Em todo caso, a briga de bar brasileira é, tragicamente, uma arte decadente. Mas não devemos desesperar-nos. Essa grande nação ainda contém enormes mananciais de violência estética. Haverá espetáculo mais belo do que, descendo na simpática estação ferroviária, admirar uma praça inteira tomada pela luta multicolor dos bate-bolas em Marechal Hermes?

*Traduzido por Alfonso Grão
fevereiro de 2021*

²⁸ “Bolsonaro dá isenção bilionária para empresa de brinquedos”, *O Globo*, 30/03/2019; “No caminho certo”, *Gazeta do Povo*, 01/04/2019.